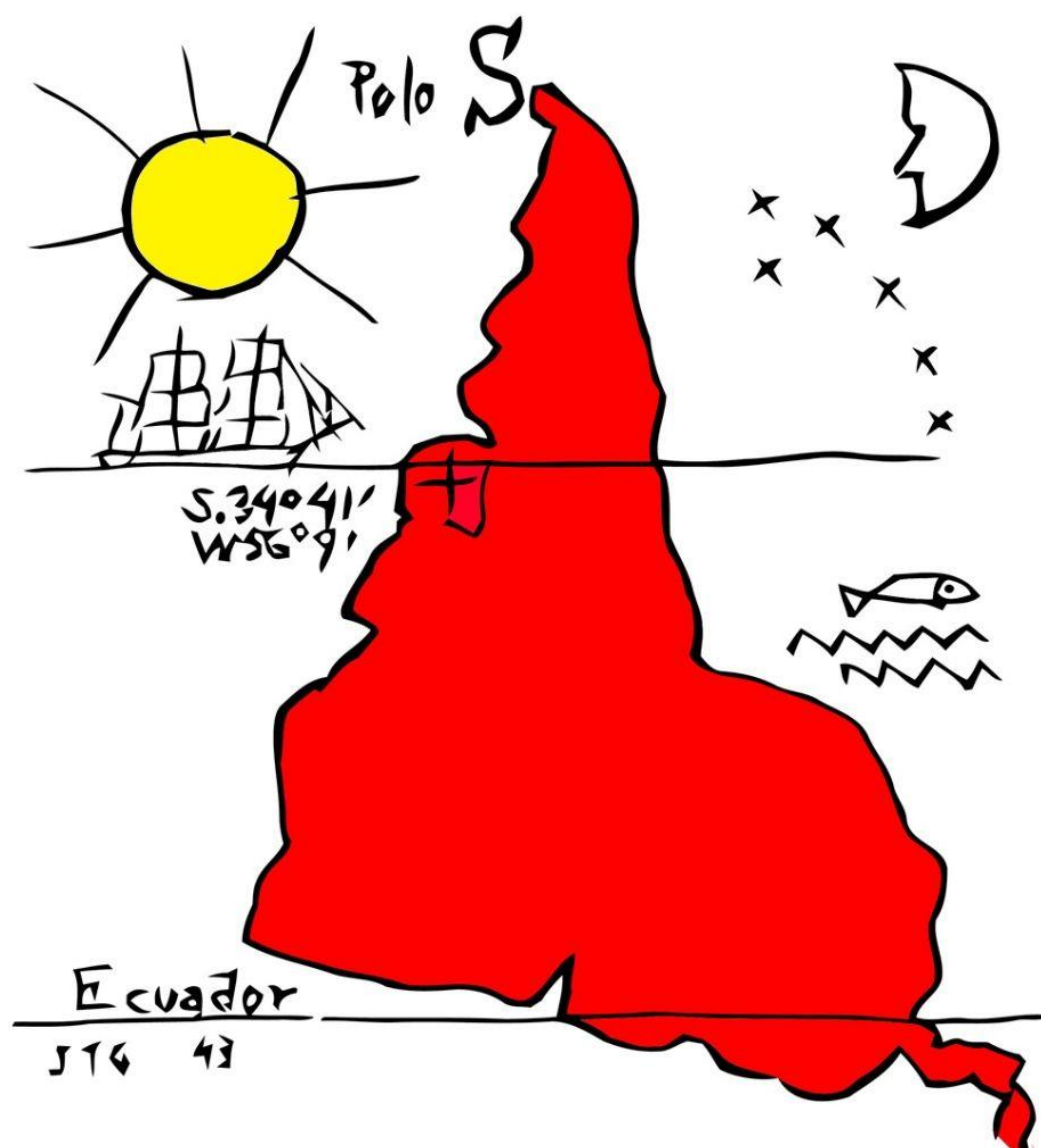


# Colóquio de Economia e Geopolítica do Sistema-Mundo



América Invertida, desenho de Joaquín Torres García, feito em 1943.

## ESTRUTURA DE CLASSES NA VENEZUELA NO CONTEXTO DEPENDENTE

### CLASS STRUCTURE IN VENEZUELA IN THE DEPENDENT CONTEXT

*Max Henrik Markezan Silva* 

**Resumo:** Este artigo analisa a estrutura de classes na Venezuela dentro do contexto do capitalismo dependente na América Latina, utilizando uma perspectiva marxista. Baseado nas obras de Marx (2017), Gunder Frank (1980), de Gyorgy Lukács (1969), Nildo Viana (2007) e outros teóricos, investiga-se como as relações de classe moldam a dinâmica social e econômica na região, destacando a persistência das estruturas de exploração e opressão. A análise revela que, apesar das mudanças políticas e econômicas ao longo da história, as elites locais continuam a colaborar com o capitalismo global em detrimento das classes trabalhadoras, perpetuando a dependência econômica e social. A luta de classes é identificada como o motor das mudanças sociais, sendo essencial para a transformação rumo à justiça social e à independência. O estudo também destaca a importância da consciência de classe e da solidariedade regional na busca por uma sociedade mais justa e igualitária na América Latina.

**Palavras-chave:** Estrutura de Classes, Capitalismo Dependente, Luta de Classes.

**Abstract:** This article analyzes the class structure in Venezuela within the context of dependent capitalism in Latin America, using a Marxist perspective. Based on the works of Marx (2017), Gunder Frank (1980), Gyorgy Lukács (1969), Nildo Viana (2007), and other theorists, it investigates how class relations shape the social and economic dynamics in the region, highlighting the persistence of structures of exploitation and oppression. The analysis reveals that, despite political and economic changes throughout history, local elites continue to collaborate with global capitalism at the expense of the working classes, perpetuating economic and social dependence. Class struggle is identified as the engine of social change, essential for the transformation towards social justice and independence. The study also emphasizes the importance of class consciousness and regional solidarity in the pursuit of a more just and egalitarian society in Latin America.

**Keywords:** Class Structure, Dependent Capitalism, Class Struggle.

## INTRODUÇÃO

A análise das dinâmicas sociais e econômicas na América Latina, sob a ótica marxista, revela profundas contradições e desafios enfrentados pela região. Neste contexto, as obras de Marx e outros teóricos marxistas e da teoria da dependência oferecem uma lente poderosa para compreender a complexa interação entre as relações de produção, a luta de classes e a estruturação da sociedade. Como Marx observou, a história se desdobra através de ciclos, nos quais as estruturas de poder e exploração muitas vezes persistem, moldando a realidade socioeconômica da região. Esta análise se torna ainda mais relevante diante das transformações políticas e econômicas recentes na Venezuela e no Brasil, onde a dependência econômica e a exploração das classes trabalhadoras continuam a ser desafios prementes. Nesse sentido, este artigo busca explorar as interconexões entre as teorias marxistas sobre luta de classes, estrutura de classes e conscientização social, e sua aplicação no contexto latino-americano, especialmente em relação às nações em questão.

## CICLICIDADE HISTÓRICA E DEPENDÊNCIA NA AMÉRICA LATINA

Segundo Marx (2017), no *18 de Brumário de Luís Bonaparte*, os seres humanos escrevem sua própria história, embora não sob circunstâncias de sua própria escolha, mas sim sob aquelas que encontram diante de si, herdadas do passado. Conforme o fardo das gerações anteriores recai sobre os vivos, a compreensão de um período de transformação não pode ser vista através da mesma consciência, mas deve-se explicá-la pelas contradições da vida material e pelo embate entre as forças produtivas e as relações de produção (Marx, 2017).

O pensamento de Karl Marx sobre a recorrência de eventos históricos e a persistência de estruturas sociais tem uma relevância inegável no contexto da América Latina, onde as nações frequentemente se veem presas em um ciclo contínuo de dependência e exploração. Marx argumenta que, ao longo de diferentes períodos históricos, os atores políticos podem adotar várias máscaras, mas suas ações e interesses frequentemente ecoam as estruturas de classe subjacentes. No caso específico do Brasil e da Venezuela, a história é marcada por períodos de exploração imperialista e dependência econômica, delineando um ciclo que se estende ao longo do tempo.

Esses ciclos históricos na América Latina refletem a interação complexa entre fatores internos e externos, onde as elites locais muitas vezes se aliam aos interesses externos em

detrimento das massas populares. A dependência econômica e a exploração recorrentes são características marcantes desse contexto, onde as estruturas de poder tendem a se manter, mesmo diante de mudanças políticas e econômicas aparentemente significativas. Marx nos alerta para não subestimar a influência do passado na configuração do presente e do futuro. Assim, compreender a história da América Latina não apenas como uma série de eventos isolados, mas como parte de um processo histórico mais amplo, é crucial para entender as dinâmicas sociais e políticas em curso na região.

De acordo com Pires e Pagotto (2020), inserida nessa realidade dependente em escala global, as relações sociais dos países da América Latina assumem diferentes faces de exploração. Segundo os autores, na região foram criadas as condições imprescindíveis, externas à economia, para a liberdade de ação das classes dominantes, de modo que as consequências de uma subordinação ao capitalismo mundial sejam pagas pelas classes dominadas. O processo de transição para essa estrutura, histórico e permeado de continuidades e discontinuidades, ocorre dentro da particularidade de cada país. Uma primeira diferença, destacada por Pires e Pagotto (2020), diz respeito aos instrumentos realizados e à maneira com que se realizou tal processo histórico.

Para contextualizar essa ciclicidade histórica, podemos recorrer às palavras de Marx (2017), que afirmou que "a história se repete, a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa". A história colonial que moldou as nações latino-americanas durante os séculos XVI ao XIX pode ser vista como a tragédia original, em que as potências colonizadoras exploraram os recursos naturais e as populações locais para seu próprio benefício. No entanto, essa tragédia colonial foi substituída por uma farsa em tempos modernos, à medida que as nações latino-americanas conquistaram a independência política. Em vez de uma libertação completa, muitas vezes testemunhamos uma continuidade das estruturas de exploração, onde as elites locais, frequentemente alinhadas com interesses externos, perpetuam a dependência econômica e social.

Pires e Pagotto (2020) ressaltam que ao longo de sua história, a América Latina tem sido palco de múltiplas mudanças e transformações. Essas alterações abarcam desde a substituição das classes dominantes até a reformulação das antigas relações agrárias e dos sistemas políticos, incluindo períodos de lutas democráticas e governos populistas. No entanto, um elemento constante nesse processo tem sido a persistente exploração das camadas majoritárias da população, independentemente das condições políticas e econômicas vigentes.

Essas mudanças refletem a ciclicidade histórica discutida por Marx, na qual diferentes regimes políticos e modelos econômicos podem se suceder, mas as estruturas de poder subjacentes e as relações de classe muitas vezes permanecem inalteradas. O que pode aparentar ser uma revolução ou uma transformação significativa superficialmente, pode, na verdade, representar uma reconfiguração das relações de poder para beneficiar as elites dominantes e o imperialismo, mantendo as massas populares em uma posição de exploração e subordinação.

No contexto venezuelano especificamente, Pires e Pagotto destacam a transição para uma economia mais industrializada e a ascensão de novos empresários ligados ao mundo capitalista, particularmente impulsionada pelo setor petrolífero. Embora essa mudança tenha sido significativa, não necessariamente resultou em avanços na justiça social ou na melhoria das condições das classes trabalhadoras. Pelo contrário, a exploração persistiu, muitas vezes manifestada por governos populistas ou de forma mais autoritária, beneficiando as elites locais e o capitalismo global, perpetuando assim a dependência do país. A aliança entre essas elites e o imperialismo muitas vezes se traduz em políticas que favorecem interesses estrangeiros em detrimento da população local. A América Latina, historicamente, tem sido uma região onde as estruturas de dependência são reforçadas, em grande parte devido ao influxo de investimento estrangeiro e à exploração de seus recursos naturais.

A análise de Gunder Frank em sua obra *Acumulação Dependente e Subdesenvolvimento: Repensando a Teoria da Dependência* (1980) oferece uma perspectiva esclarecedora sobre a evolução da acumulação de capital mundial, destacando sua relevância para compreender a dinâmica do capitalismo na América Latina, especialmente à luz do contexto histórico previamente discutido. Como mencionado, a burguesia latino-americana muitas vezes se aliou ao imperialismo e implementou políticas neoliberais, como o livre-comércio, uma vez consolidado seu domínio sobre outras classes sociais. O conceito de colaboração da burguesia latino-americana no processo de acumulação de capital global, conforme observado por Frank (1980), está intimamente ligado ao contexto histórico mencionado na citação anterior. Um exemplo concreto disso é a ascensão da indústria petrolífera na Venezuela, demonstrando como as elites locais podem se beneficiar desse processo de acumulação de capital ao se aliarem ao capitalismo internacional.

Além disso, as reformas liberais mencionadas pelo autor são igualmente relevantes, pois evidenciam como as elites locais frequentemente promovem mudanças econômicas que favorecem o capital estrangeiro e o livre mercado em detrimento das classes populares. Isso ressalta que as transformações políticas e econômicas na América Latina muitas vezes não resultam em melhorias substanciais nas condições das classes trabalhadoras. Quando ocorrem

melhorias, estas tendem a ser paliativas e incapazes de alterar significativamente a realidade social dos indivíduos. A compreensão dessas dinâmicas é essencial para se buscar um desenvolvimento mais justo e equitativo na região, promovendo políticas que atendam às necessidades da maioria da população, em vez de privilegiar interesses exclusivos das elites locais e do capital internacional.

Portanto, a análise conjunta das obras de Gunder Frank e Pires e Pagotto (2020) revela uma conexão profunda entre os comportamentos das elites latino-americanas e a dinâmica do capitalismo global. Ambos os autores destacam como essas elites muitas vezes colaboram em prol do capitalismo internacional, em detrimento das maiorias populares. Além disso, suas reflexões ressaltam a repetição histórica, onde mudanças políticas e econômicas acabam reproduzindo as mesmas estruturas de poder e exploração. Nesse cenário, as classes trabalhadoras continuam a enfrentar desafios significativos em sua luta por justiça social e econômica na América Latina.

## **LUTA DE CLASSES E CONSCIÊNCIA SOCIAL NA AMÉRICA LATINA**

Quando discutimos sociedade, organização política e econômica, estamos essencialmente falando sobre a batalha entre diferentes classes sociais. No contexto do capitalismo, a dinâmica social de um país é moldada pelas interações entre essas classes, que estão diretamente ligadas às relações de produção e, conseqüentemente, às relações econômicas. A hierarquia nessas relações é determinada pela luta entre as classes sociais. As classes sociais podem ser entendidas como grupos de indivíduos que têm sua posição na sociedade principalmente - embora não exclusivamente - definida pelo seu papel no processo de produção (Poulantzas, 1973). Para o marxismo, é crucial reconhecer que, nesse contexto, não apenas fatores econômicos, mas também políticos e ideológicos desempenham papéis significativos na estruturação do modo de produção e da formação social.

A ideia de que a dinâmica social está profundamente ligada à luta de classes é central para a perspectiva marxista. Karl Marx e Friedrich Engels, em suas obras, enfatizaram que as sociedades são essencialmente moldadas por conflitos e contradições inerentes ao modo de produção predominante. No capitalismo, em particular, a luta de classes desempenha um papel crucial na determinação das dinâmicas sociais e econômicas. Nesse sentido, a análise marxista destaca que as relações de poder e dominação não são meramente abstratas, mas estão enraizadas nas estruturas materiais da sociedade. A divisão entre a classe dominante, detentora

dos meios de produção, e a classe trabalhadora, que vende sua força de trabalho, gera conflitos que permeiam todas as esferas da vida social. Esses conflitos não se limitam apenas ao âmbito econômico, mas também se manifestam no campo político e ideológico, influenciando as instituições, as leis e as ideias que sustentam a ordem estabelecida.

Ora, partindo do ponto de análise de Marx e Engels, que perceberam as profundas contradições da sociedade capitalista e o movimento dialético, que consiste basicamente no movimento dos seres humanos envolvidos nas relações sociais e nos processos de produção e reprodução da vida material (Viana, 2007). O modo de produção possui uma posição central na sociedade capitalista. E a totalidade desempenha uma condição imprescindível para a compreensão do fenômeno das relações de classe e como tais relações se concretizaram.

Viana (2007) salienta que a totalidade não deve ser interpretada como um "determinismo econômico". Isso porque a determinação fundamental da sociedade não reside apenas na esfera econômica, mas sim no modo de produção, que engloba não apenas as relações econômicas, mas também as relações sociais. Essas relações são atravessadas por uma multiplicidade de efeitos, que podem ser considerados "econômicos", "políticos", "sociais" e "psíquicos", sendo objeto de estudo de todas as chamadas "ciências humanas" (Viana, 2007, p. 105). Essa perspectiva de Viana dialoga de forma interessante com a análise de Marx sobre o papel central do modo de produção na estruturação da sociedade. Marx também argumenta que as relações de produção não são meramente econômicas, mas permeiam todas as esferas da vida social. No entanto, ao contrário do que muitas vezes é mal interpretado como um "determinismo econômico", Marx enfatiza a complexidade das interações entre as diferentes esferas da sociedade. O modo de produção molda as relações econômicas, influencia as instituições políticas, os sistemas jurídicos, as estruturas sociais e até mesmo as percepções individuais.

Como aponta Viana (2007), essa totalidade consiste em olhar o todo. Todavia, abarcar o todo dentro de um ser ou objeto é perceber sua totalidade, e acontece que dentro de um ser pode estar incluído outro ser, e assim sucessivamente. Nesse sentido, a totalidade, para a perspectiva do materialismo histórico-dialético, é a sociedade. Mas, alerta Viana (2007), toda totalidade é composta de partes, sendo que as partes que compõem a sociedade são o modo de produção dominante, os modos de produção subordinados e as formas de regularização das relações sociais.

Na concepção marxista da totalidade, destaca-se a noção de que as partes que compõem o todo mantêm entre si uma relação necessária, e o resultado dessa relação é a totalidade. Essas partes exercem diversas determinações sobre a totalidade, sendo que uma delas possui um papel

fundamental, exercendo uma determinação essencial sobre as demais. Assim, o modo de produção é visto como exercendo uma influência determinante sobre a sociedade como um todo (Viana, 2007).

No contexto do capitalismo, as relações de produção são fundamentais para a organização da sociedade. Elas referem-se à forma como os meios de produção são possuídos e controlados, e como os trabalhadores se relacionam com esses meios de produção. A propriedade privada dos meios de produção e a busca de lucro são elementos centrais nas relações de produção capitalistas. No entanto, essas relações são marcadas por uma contradição fundamental: os proprietários dos meios de produção (a burguesia) buscam maximizar seus lucros, enquanto os trabalhadores (a classe trabalhadora) buscam melhores condições de trabalho e salários mais altos.

Essa contradição leva à luta de classes, onde os interesses da burguesia e da classe trabalhadora estão em conflito. A luta de classes é uma luta pelo controle dos meios de produção, pela distribuição da riqueza e pelo poder político. Ela influencia não apenas as relações econômicas, mas também as relações políticas e sociais em uma sociedade capitalista. Quando Karl Marx teoriza a luta de classes, observando na história os aspectos desses conflitos quanto à estrutura social e aos modelos de produção, ele percebe as classes sociais como classes históricas, que moldaram os processos históricos de seu tempo dentro dos limites impostos pelas relações de produção. Marx analisa tais estruturas a partir do olhar europeu do século XIX, e, portanto, há certos limites de tal análise para a conjuntura atual da América Latina do século XXI. Todavia, tais limites não devem se encerrar na adoção de outro método analítico insuficiente para a descrição da sociedade capitalista. A visão marxiana pode ser empregada mesmo para a análise de uma época e um contexto não vistos por Marx, pois, até os dias atuais, é a visão mais completa do capitalismo e da sociedade capitalista.

A perspectiva marxista sobre as classes sociais vai além de uma visão estática; ela está profundamente enraizada nas contradições e na dinâmica da luta de classes. Ao contrário de conceber as classes sociais como entidades isoladas e predefinidas, Marx argumenta que elas são em grande parte moldadas por suas próprias práticas e interações dentro de um contexto de conflito e oposição. A abordagem marxista das classes sociais é essencialmente dialética, entendendo que elas não são entidades estáticas, mas sim produtos de relações sociais em constante transformação. Assim, as classes sociais se formam e se definem por meio das práticas de classe, ou seja, das ações e interações das classes em resposta às condições

econômicas e sociais em que estão inseridas. É essa dinâmica interativa que gera as contradições e impulsiona a luta de classes (Poulantzas, 1973).

Pode-se dizer, assim, que uma classe social se define pelo seu lugar no conjunto das práticas sociais, isto é, pelo seu lugar no conjunto da divisão social do trabalho, que compreende as relações políticas e as relações ideológicas. A classe social é, neste sentido, um conceito que designa o efeito de estrutura na divisão social do trabalho (as relações sociais e as práticas sociais). Este lugar abrange assim o que chamo de determinação estrutural de classe, isto é, a própria existência da determinação da estrutura - relações de produção, lugares de dominação-subordinação política e ideológica - nas práticas de classe: as classes só existem na luta de classes (Poulantzas, 1973, p. 14).

Portanto, a visão marxista destaca que as classes sociais não podem ser consideradas separadamente da luta de classes, pois é precisamente na luta que as classes se definem e redefinem. A luta de classes é o motor das mudanças nas relações de classe e na estrutura social como um todo. Essa abordagem também implica que não há classes sem luta de classes. Em outras palavras, as classes não existem como entidades estáticas pré-determinadas, independentemente da ação e da luta das classes. São as ações e os conflitos entre as classes que dão origem às próprias classes sociais. Portanto, a análise marxista não se limita a categorizar a sociedade em classes, mas busca entender como as classes se formam, interagem e se transformam ao longo do tempo (Poulantzas, 1973).

Esse entendimento dinâmico das classes sociais tem implicações profundas para a compreensão das sociedades, incluindo aquelas na América Latina, como a Venezuela e o Brasil. Em contextos de capitalismo dependente, as classes sociais muitas vezes enfrentam contradições agudas e participam de lutas complexas que moldam o curso da história e o destino das nações. Dessa forma, trazer a análise da luta de classes para o contexto latino-americano é buscar a totalidade histórica que engloba as relações sociais e os modos de produção, que apesar de suas particularidades regionais e conceituais, se inserem na mesma teia global, movida pela dinâmica capitalista. Ao comparar, por exemplo, a situação de um trabalhador latino-americano com um trabalhador europeu, diversas diferenças podem ser levantadas quanto aos padrões de vida e consumo, quanto as particularidades locais, entre outros, o que não exclui as semelhanças

quanto a luta de classes, ou seja, ao fato desses trabalhadores terem sua força de trabalho exploradas pela classe dominante, proprietária dos meios de produção.

Nesse sentido, ao trazer a perspectiva da luta de classes para o contexto latino-americano, buscamos entender as nuances das relações sociais, os diferentes modos de exploração do trabalho, os mecanismos de acumulação de capital e a produção da mais-valia. Em meio à posição desfavorecida da América Latina na dinâmica global do capitalismo, é crucial examinar as características específicas das burguesias nacionais para compreender os níveis de exploração do trabalho e o papel das elites e dos estados nacionais na perpetuação das condições de exploração e dependência. A análise da estrutura de classes, sob a ótica marxista, emerge como uma ferramenta poderosa para desvendar as intrincadas dinâmicas sociais e econômicas da América Latina, com especial atenção para países como Venezuela e Brasil. Conforme ressaltado por Karl Marx, a dinâmica social nas sociedades capitalistas é impulsionada pela luta de classes, uma batalha enraizada nas relações de produção e nas disparidades econômicas.

José Carlos Mariátegui, em sua obra *"Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana,"* resalta a importância da consciência de classe para a transformação social na América Latina. Ele argumenta que a classe trabalhadora deve desenvolver uma compreensão clara de seus interesses comuns e da exploração imposta pelo capitalismo (Mariátegui, 2007). Essa consciência de classe é vital para a superação das estruturas de dependência e opressão. Nesse sentido, as classes trabalhadoras da Venezuela e do Brasil enfrentam desafios semelhantes de exploração e marginalização, devido à persistência do capitalismo dependente. Uma perspectiva mariateguiana destaca a importância de uma compreensão profunda de sua condição histórica e da necessidade de ação coletiva.

Por sua vez, José Martí, em *"Nuestra América,"* enfatiza a importância da solidariedade regional e da busca de uma identidade latino-americana unificada. Ele argumenta que a América Latina deve se libertar das amarras do imperialismo e buscar sua própria identidade com base em princípios de justiça e independência (Martí, 2005). Para o contexto do Brasil e da Venezuela, essa abordagem destaca a necessidade de cooperação e unificação regional na luta contra o capitalismo dependente. Ambos os países compartilham desafios relacionados à exploração de recursos naturais e à influência estrangeira em suas economias, e uma abordagem unificada, baseada nos princípios de justiça e independência, pode fortalecer seus esforços conjuntos.

Além dos conceitos fundamentais de classe social, a obra de Gyorgy Lukács (1969), "A Consciência de Classe," sublinha a importância da consciência de classe na transformação social. A consciência de classe implica o reconhecimento dos interesses da classe trabalhadora em contraposição aos da classe dominante. No contexto da América Latina, construir a consciência de classe é crucial para mobilizar a classe trabalhadora em busca de melhores condições de vida. Isso requer uma compreensão profunda de que as classes trabalhadoras desses países compartilham desafios comuns de exploração e opressão devido ao capitalismo dependente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto faz parte de uma pesquisa de mestrado, concluída em dezembro de 2023, e que analisou a realidade do imigrante venezuelano no contexto do capitalismo dependente. Um dos aspectos da pesquisa, para buscar tal compreensão, foi a análise da estrutura de classes na Venezuela e no Brasil, a partir dos desdobramentos de uma estrutura dependente. Seguindo essa premissa, o presente artigo buscou fazer uma reflexão acerca dos conceitos trabalhados e como eles se relacionam na dinâmica do capitalismo dependente.

À luz das análises marxistas sobre luta de classes e estrutura de classes, fica evidente que a América Latina enfrenta desafios persistentes relacionados à exploração econômica, à dependência externa e à marginalização das classes trabalhadoras. As teorias de Marx, Mariátegui, Martí e Lukács oferecem perspectivas valiosas para compreender as raízes desses problemas e para orientar os esforços de transformação social. É fundamental reconhecer a importância da conscientização de classe e da solidariedade regional na busca por justiça social e independência econômica. Somente através da mobilização coletiva e da luta organizada, as nações latino-americanas podem romper com as estruturas de exploração e construir uma sociedade mais justa e igualitária para todos os seus cidadãos.

## REFERÊNCIAS

- GUNDER FRANK, Andre. **Acumulação dependente e subdesenvolvimento**: repensando a teoria da dependência. São Paulo: Editora brasiliense: 1980.
- LUKÁCS, Gyorgy. A consciência de classe. In: BERTELLI, A.T.; PALMEIRA, M.G.S.; VELHO, O.G.C.A. **Estrutura de classes e estratificação social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. **7 ensayos de interpretación de la realidad peruana**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2007.
- MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência**. México: Editora Era, 1990.
- MARTÍ, José. **Nuestra America**. Caracas: Ayacucho, 2005.
- MARTINS, José de Souza. **Frenteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. - 2ª ed. - São Paulo: Contexto, 2019.
- MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: edipro, 2017.
- MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: livro I. Tradução de Reginaldo Sant'Anna 27ªed.,. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- POULANTZAS, Nicos. **As classes sociais no capitalismo de hoje**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- POULANTZAS, Nicos. **Poder político e classes sociais**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2019.
- VIANA, Nildo. **A consciência da História**. Ensaios sobre o Materialismo Histórico-Dialético. - 2ª ed. - Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.